



Da Escrita à Invenção de Gutenberg: Os sentidos do Texto Bíblico Impresso

From Writing to Gutenberg's Invention: The Meanings of Printed Biblical Text

Elaine Cristina de Queiroz Silva Vasques

Doutoranda em Estudos de Linguagens pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Sueli Maria Ramos da Silva

Professora Adjunta da FAALC – Faculdade de Artes Letras e Comunicação da UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Resumo: Na esfera entre perceber, conhecer e difundir, o homem revoluciona a linguagem elaborando técnicas de criação, captação, armazenamento e circulação das mensagens. Com isso, manifestam-se outros sentidos que emergem de e em novas práticas. Este trabalho, tendo como norte o conceito de presença em semiótica, busca descrever um contexto sobre a evolução da transmissão da mensagem iniciada desde os primeiros traços da escrita - instituída como primeira tecnologia da informação -, e tem como intuito depreender as relações estabelecidas na construção dos sentidos das narrativas religiosas a partir do primeiro texto bíblico produzido pelo invento de Gutenberg: a prensa de tipos móveis, a Bíblia de Gutenberg. Entende-se, assim, que este objeto semiótico, considerado um marco na história da difusão das mensagens, das ideias e da comunicação em massa, revolucionou a propagação da mensagem Cristã a partir do discurso fundador. Esta análise fundamenta-se nos conceitos da Semiótica Discursiva (Greimas, 1979) e seus desdobramentos advindos das abordagens do Semissymbolism (Floch, 1985) e dos postulados das áreas da comunicação e informação (Guerreiro, 2018).

Palavras-chave: bíblia de Gutenberg; presença; semiótica discursiva; texto sincrético.

Abstract: In the sphere between perceiving, knowing, and disseminating, humanity revolutionized language by developing techniques for creating, capturing, storing, and circulating messages. This led to the emergence of new meanings that emerged from and within new practices. This work, guided by the concept of presence in semiotics, seeks to describe the evolution of message transmission, beginning with the first traces of writing—established as the first information technology—and aims to understand the relationships established in the construction of the meanings of religious narratives based on the first biblical text produced by Gutenberg's invention: the movable type printing press, the "Gutenberg Bible." Thus, it is understood that this semiotic object, considered a milestone in the history of the dissemination of messages, ideas, and mass communication, revolutionized the propagation of the Christian message. This analysis is based on the concepts of Discursive Semiotics (Greimas, 1979) and its developments arising from the approaches of Semisymbolism (Floch, 1985) and the postulates of the fields of communication and information (Guerreiro, 2018).

Keywords: discursive semiotics; Gutenberg bible; presence; syncretic text.

INTRODUÇÃO

A linguagem está em toda parte (Heidegger, 2003, p. 07) permeando as ações do homem que anseia por “linguajar” e dar sentido a todas as coisas.

Desde a escrita até a chegada da era digital muitos foram os feitos para que uma mensagem fosse criada, codificada, transmitida e entregue, alcançando um maior número de destinatários para tornar-se, então, “presente” no inventário cultural e coletivo. As invenções advindas da tecnologia da comunicação e da informação permitiram a rápida difusão das mensagens e a disseminação das línguas influenciando os diversos cenários das artes, da filosofia, da política, da economia, da religião etc. Dessa forma, a linguagem torna-se “de fato o próprio fundamento da cultura” e o “instrumento principal da comunicação informativa” (Jakobson, 2007, p. 18). Assim, os meios de comunicação tornaram-se instrumentos indispensáveis para materializar as práticas linguageiras da vida em sociedade.

Este trabalho busca reflexionar, com base nos postulados das áreas da comunicação e informação, sobre a linguagem manifestada pelos canais, os meios de comunicação que impulsionaram a aceleração na propagação das informações, e depreender, a partir dos conceitos de intencionalidade e presença advindos da Semiótica Discursiva, sobre a construção dos sentidos advindos das narrativas desde a invenção da escrita até primeiro texto bíblico impresso, produzido pelo invento de Gutenberg, a prensa de tipos móveis. Busca-se, também, por meio das abordagens do semissimbolismo, traduzir os formantes inscritos no texto “Bíblia de Gutenberg”.

O SUJEITO DISSEMINADOR

A linguagem é articulada por unidades menores que se organizam em unidades maiores formando um conjunto significativo, um objeto do saber que só pode ser definível pelos métodos e procedimentos que permitem sua análise ou construção (Greimas; Courtés, 1979, p. 259). A língua, como um conjunto de representações que simbolizam as coisas “do mundo físico e do mundo mental” (Bagno, 2020, p. 22), se torna o instrumento que impulsiona o homem a vislumbrar, pela experiência ou pela razão, apreender e desenvolver conceitos, contextualizando e comunicando seus pensamentos sobre as coisas pautado nas influências advindas da organização social que interage.

Conforme pontua Kristeva (1969, p. 20), o que se chama linguagem tem uma história no tempo:

[...] Do ponto de vista desta diacronia, a linguagem transforma-se durante as diferentes épocas toma diversas formas nos diferentes povos. Tomada como um sistema, isto é, sincronicamente, tem regras precisas de funcionamento [...] como observou Ferdinand de Saussure, a linguagem é multiforme e heteróclita; abrangendo vários domínios, simultaneamente física, fisiológica

e psíquica, pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social [...] a linguagem tem necessidade da análise da filosofia, da antropologia, da psicanálise, da sociologia, sem falar das diferentes disciplinas linguísticas (grifos do autor).

Nessa perspectiva, o saber linguageiro é o constructo cultural produzido por meio das experiências, o arcabouço de uma comunidade que reúne em suas vivências, um acumulado de informações que são transmitidas de geração em geração provocando transformações e influenciando a cultura de um povo, e garantindo a preservação do conhecimento pela prática da comunicação:

Apreendemos as formas comunicativas de nossa cultura, aprendemos a nos comunicar, reconhecemos os modelos comunicativos com os quais nos defrontamos. A exposição e o uso permanente dos meios de comunicação fazem deles práticas e objetos familiares, amplamente conhecidos pelos membros da sociedade (França; Simões, 2016, p. 17).

No percurso entre perceber, conhecer e difundir, o sujeito promove novas práticas de linguagem elaborando técnicas de criação, captação, armazenamento e circulação da mensagem, como se pode atestar ao longo da história da humanidade, em que o sujeito, disseminador¹, elabora meios que visam a expressão de seus pensamentos e ideais.

Os símbolos inscritos nas cavernas; os sons de trompetes e tambores que comunicavam a longas distâncias; a composição dos manuscritos feitos em madeira que viabilizavam seu transporte; a tecnologia dos pergaminhos que facilitavam o arquivamento das mensagens; e as revoluções científica, industrial e digital, demonstram que não é possível existir uma “sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação” (Kristeva, 1969, p. 18).

Para Cassirer (2001, p. 34), “a aquisição do signo realmente sempre representa o primeiro e necessário passo para o conhecimento objetivo da essência das coisas”, uma articulação do pensamento fruto do espírito², na qual os signos materializam a linguagem que se constitui o “elemento da comunicação social” (Kristeva, 2004, p. 18).

Por meio da linguagem, pela “passagem do pensamento inconsciente para o consciente”, a coisa transforma-se em palavra, um “instrumento de tomada de consciência da imagem partilhada pela comunidade”, sendo formada a representação, segundo o pensamento de Potebniá (1892), de um ato de percepção, interpretação ou conhecimento (Grillo, 2018, p. 26). Instituídos como os mediadores da linguagem (Kristeva, 1969, p.16), os signos tornam inteligíveis as impressões da mente e formam efeitos de conhecimento ou “ideias sobre as coisas” (Kristeva, 1969, p. 17).

¹ Segundo Houaiss (2025, on-line), o termo disseminador é um “adjetivo e substantivo masculino, que ou o que dissemina; dispersor; [...] que ou o que torna conhecido de muitos; propagador, difusor”.

² Conforme conceito de Aleksandr Potebniá (1892), espírito “no sentido de atividade mental consciente” (Grillo, 2018, p. 26).

Quando a Revolução Industrial se instalou, houve um boom³ na difusão da comunicação em meio à expansão da tecnologia, conferindo ao homem a possibilidade de conjecturar e buscar sentido com base em observação e metodologia científica, principalmente, depois da descoberta da eletricidade no século XIX, aumentando a quantidade e a velocidade na transmissão das mensagens.

Os avanços tecnológicos dão suporte à articulação dos conjuntos significantes⁴, agilizando processos de comunicação, influenciando e alterando as formas de apreensão e produção de sentidos. Os suportes materiais ou canais foram evoluindo ao longo da história promovendo a manifestação de diferentes linguagens ou outras formas de disseminação de narrativas, por meio das relações entre objeto e sujeito, em uma construção de semióticas sincréticas, ou, como propõem Greimas e Courtés (1979, p. 42):

Tomado à teoria da informação, o termo canal designa o suporte material ou sensorial que serve para a transmissão das mensagens. Na terminologia de L. Hjelmslev, poderia corresponder em parte, na linguística, à substância de expressão, não obstante esse termo esteja de fato limitado às semióticas que privilegiam a estrutura da comunicação [...] a classificação mais corrente da semiótica é operada a partir dos **canais de comunicação** ou, o que vem a dar no mesmo, a partir das ordens sensoriais em que se funda o signifiante (semiótica textual, semiótica do espaço, imagem e etc.) (grifos dos autores).

A partir do percurso comunicacional instituído ao longo dos tempos – da prensa móvel aos dispositivos digitais aprimorados pela inteligência artificial - evidencia-se a evolução da comunicação e dos canais criados pelos sujeitos inventivos e disseminadores, cuja inteligibilidade oportuniza novas práticas que visam promover a vida em sociedade, seja em prol de influenciar, mudar crenças, atitudes ou comportamentos dos destinatários, tornando-se estratégias de persuasão no rol de difusão de narrativas.

Conforme Barros (2005, p. 40) afirma, de acordo com os postulados da Semiótica Discursiva, uma narrativa “engloba os dois pontos de vista e simula a história do homem. A partir de certos valores e de determinados contratos o homem age e transforma o mundo, à procura desses valores”.

OS SENTIDOS DEPOIS DA ESCRITA

As transformações promovidas pelos meios de comunicação partiram do advento da escrita, a primeira tecnologia da informação, tornou-se recurso de poder dos escribas, considerados superiores por serem detentores do conhecimento dos

³ Expressão em inglês que, segundo o Cambridge Dictionary, significa um aumento em algo, ou um momento em que algo se torna mais popular. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/boom> Acesso em 27 mai 2023.

⁴ Conforme Greimas e Courtés (1979, p. 77) afirmam, pode ser utilizada a noção de conjunto signifiante para designar a reunião do signifiante com o significado.

hieróglifos e pictogramas que combinavam figuras para expressar os sentidos de uma narrativa.

Historiadores que se depararam com tábuas mesopotâmicas de argila datadas de 3200 a.C. constando a escrita cuneiforme encontraram textos complexos, “profissões, divindades, instituições e atividades” e representações que informavam “tanto uma ideia como um som” (Such-Gutiérrez, 2023, on-line). Nas peças de cerâmica inscritas com pictografias, marcas e outras imagens estilizadas e abstratas, indicavam os proprietários da peça e já davam indícios do que se parecia com a escrita (Gleick, 2011, p. 37).

O alfabeto, cujo sistema traz “um símbolo para um som mínimo [...] a mais redutiva e subversiva das formas de escrita” (Gleick, 2011, p. 38) demorou bastante tempo para ser instituído. O papiro, ancestral do livro, popularizou as mensagens para além dos escribas; em seguida, foi instituído o pergaminho confeccionado com peles de animais e, posteriormente, o códice (codex – em latim), feito de madeira que trouxe o primeiro formato de livro com folhas coladas ou costuradas (Biblioteca Nacional, 2020, on-line)⁵.

Do alfabeto grego datado do século VII a.C. surge uma extensa literatura de todos os gêneros: história, filosofia, teatro e poesia, e é desse florescimento literário que surge o alfabeto latino, mais fácil de memorizar: com “23 letras foi o precursor de todas as escritas da Europa Ocidental, que viriam a se desenvolver em diferentes estilos ao longo da Idade Média” (Merege, 2020, on-line)⁶.

Sobre a complexidade na construção das operações linguísticas, Rousseau traz a lume:

[...] considere quantas ideias devemos ao uso da fala; quanto a gramática exercita e facilita as operações da mente; e pense nas dores inconcebíveis e no tempo infinito que a primeira invenção das línguas deve ter custado; acrescentando-se estas reflexões às precedentes, se apreciará quantos milhares de séculos levou para desenvolver sucessivamente na mente humana as operações de que era capaz (Rousseau, 1755, p. 63, tradução nossa)⁷.

Antes da escrita, as mensagens eram entregues pelos mensageiros na forma falada, pois o homem não detinha os meios graficocomunicacionais e a comunicação oral era principal meio para se garantir, “conservar e transportar os seus conhecimentos e saberes através das gerações” (Guerreiro, 2018, e-book). Com a chegada das tábuas e pergaminhos foram criados locais preparados para

5 A história do Livro: o Códice e o Pergaminho. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/historia-livro-codice-pergaminho> Acesso em 17 jun 2023.

6 História do Livro : do Glifo ao Alfabeto. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/historia-livro-glifo-ao-alfabeto> Acesso em 17 jun 2023.

7 Original: *Qu'on songe de combien d'idées nous sommes redevables à l'usage de la parole; combien la grammaire exerce & facilite les opérations de l'esprit; & qu'on pense aux peines inconcevables & au tems infini qu'a dû coûter la premiere invention des Langues; qu'on joigne ces réflexions aux précédentes, & l'on jugera combien il eût falu de milliers de siecles pour développer successivement dans l'esprit humain les opérations dont il étoit capable.*

o descanso dos mensageiros que passavam por muitas pressões nas rotas de viagem:

O mais famoso sistema de correio no Oriente Próximo era o Persa *angareion* que possuía pontos de paradas para seus mensageiros (*pirradazis*) localizados há apenas um dia de distância a cavalo entre si [...] Esse sistema foi elogiado por Heródoto em seu trabalho *Histórias* (Livro VIII, Urânia, XCVIII) por seus mensageiros resilientes que viajavam em revezamento a altas velocidades em qualquer tipo de clima. De fato, uma citação feita pelo historiador Grego do século 5 a.C. é usada pela central de correios de Nova York. Dentro da central, uma placa diz: 'Nem a neve ou a chuva, nem o calor ou a escuridão da noite vai impedir esses mensageiros de completarem suas entregas' (Cartwright, 2019, on-line, grifos do autor)⁸.

Por cerca de 4 mil anos, a escrita foi a principal tecnologia de propagação do conhecimento, manifestando-se pelos pergaminhos, códices, dicionários e enciclopédias em formato de livro. Um fazer-saber cujos efeitos de sentido promoveram transformações influenciando o contexto formador de um povo, época e lugar, tendo em vista a competência adquirida pelos sujeitos-disseminadores e suas estratégias baseadas na intencionalidade.

Por meio destes canais de comunicação estabeleceram-se conjuntos significantes oriundos da multiplicidade de mundos apreensíveis de significação compostos pela superposição de linguagens de manifestação ou semióticas sincréticas, um “conjunto de condições semióticas que asseguram a transmissão do objeto do saber” (Greimas e Courtés, 1979, p. 33), formando o arcabouço de sentidos culturais e sociais de uma comunidade.

O livro preservou a língua, os símbolos, o passado, as memórias, a história, e “desde a sua origem na Mesopotâmia, o livro tem passado por várias formas de escrita e naturezas de suporte” (Guerreiro, 2014, e-book Kindle), até a chegada da prensa moderna de “tipos móveis”⁹, por volta do ano de 1450, do inventor alemão Johann Gutenberg (1400-1468).

Este objeto semiótico marca um salto tecnológico na disseminação das línguas, das ideias, da ciência e dos meios de informação, pela agilidade e multiplicidade de cópias produzidas, começando pela impressão da primeira tradução da Bíblia em latim denominada Bíblia de Gutenberg.

⁸ *As Cartas e Correspondência na Antiguidade*. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1442/as-cartas-e-correspondencia-na-antiguidade/> Acesso 39 jun 2023.

⁹ *Caracteres avulsos gravados em blocos de madeira ou chumbo e agrupados numa placa, formando palavras e frases num texto* (Guerreiro, 2014, e-book Kindle).

PRESENÇA E INTENCIONALIDADE NA IMPRESSÃO DO TEXTO BÍBLICO

Compreende-se que, em todos os processos de evolução da comunicação, uma voz discursiva sanciona mudanças ou continuidades nas experiências humanas, oriundos da vivência ou das experiências acentuadas. Nesse sentido, apreende-se que no ato de disseminação de uma mensagem encontra-se inscrito o ethos do enunciador construído e presentificado na própria enunciação, ou seja, no ato de produzir o discurso.

A invenção de Gutenberg deu condições para expandir o caminho do conhecimento, sendo a prensa móvel um revolucionário meio de transmissão de conhecimento pela rápida produção e disseminação dos exemplares. A Bíblia de Gutenberg (Figura 1), um objeto semiótico, cujo enunciador pressuposto estabelecia uma margem estratégica à organização do discurso (Greimas, Courtés, 1979, p. 462), pois “que alcançou o desejo de todos, inclusive da Igreja Católica (não é à toa que o primeiro livro publicado foi a Bíblia)” (Museuweg, 2022, on-line)¹⁰.

A forma como o enunciador programa seu discurso está presentificada nas escolhas lexicais, na estética, no estilo e postura, e ainda, nos meios que estrategicamente enuncia, pois:

Há sempre uma presença transgressiva do enunciador desdobrado no enunciado [...] No sincretismo entre as artes visuais e a arte da palavra, o corpo sensível que estabelece a inclinação fórica, que categoriza, que prepara programas narrativos e que exerce seu fazer retórico na forma do discurso não é apenas um corpo afetado, mas um corpo que trabalha, que euforiza ou disforiza segundo a axiologia do trabalho, que sanciona segundo os critérios do trabalho (Junior, 2021, p. 141).

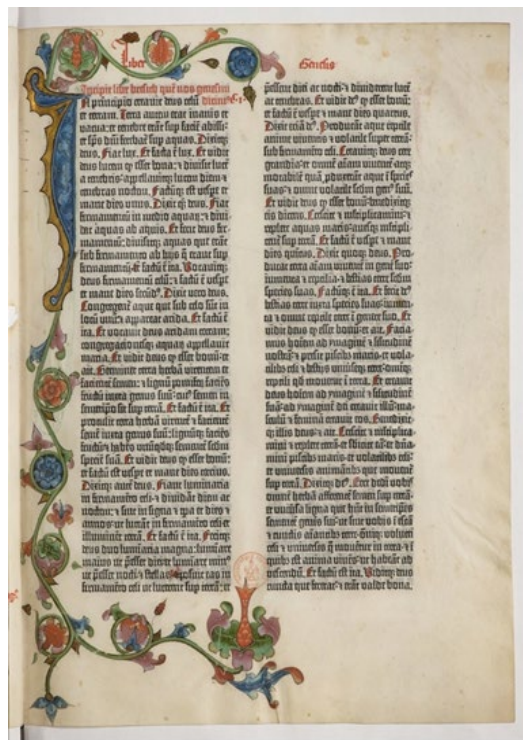
Um discurso operado na intencionalidade¹¹, “uma relação que se estabelece entre o trajeto a percorrer e seu ponto de chegada” (Barros, 2002, p. 44), estratégia da qual o sentido advém do saber-fazer, de comunicar para influenciar, pois quem comunica, quer algo. Os modos desse saber-fazer estão instaurados na presença¹² da concepção direcional-ideológica do enunciador, demonstrando que não compete uma neutralidade no discurso (Barros, 2002, p. 138).

10 A Prensa de Gutenberg: como essa invenção mudou o mundo? Disponível em: <https://museuweg.net/blog/a-prensa-de-gutenberg-como-essa-invencao-mudou-o-mundo/> Acesso em 01 jun 2023.

11 Sobre o conceito de intencionalidade, Barros (2002, p. 44) afirma que, “a intencionalidade, distinta da intenção, não se identifica, para Greimas, nem com a motivação, nem com a finalidade, mas as engloba. Dessa forma, é possível conceber as transformações narrativas como uma tensão entre dois modos de existência, a virtualidade e a realização, como uma relação orientada, transitiva, entre sujeito e objeto”.

12 Conforme Discini (2010, p. 2) afirma, “a presença está aí vinculada ao saber; logo, ao conhecimento”, trazendo a lume os conceitos de Greimas e Courtés (1979, p. 388) quando definem que “esse retorno à instância da enunciação permite então conceber o discurso enquanto tal, quer como um fazer, isto é, como uma atividade cognitiva, quer como um ser, como, um estado de saber [...] o saber-fazer aparece como aquilo que torna possível essa atividade, como uma competência cognitiva”.

Figura 1 – Página do livro de Gênesis da Bíblia de Gutenberg - Em pergaminho - Volume 1



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Gallica BNF¹³

Mesmo não sendo o inventor da primeira técnica de impressão do mundo - pois que este lugar historicamente reconhecido e ocupado pelos chineses - Gutenberg, que era metalúrgico, também foi um empreendedor, visionário e reinventou o processo da impressão em que “letras produzidas em massa tornaram possível a produção em massa de livros” (Puchner, 2019, Edição Kindle). Ele aprimorou o processo e transformou-o em um negócio. Dessa forma, presentifica-se a competência do destinador-disseminador, sendo seu discurso sancionado pela estratégia inventiva ancorada ao discurso bíblico:

Sua invenção, se ainda quisermos chamá-la assim, baseava-se numa transferência de ideias, para dizer o mínimo [...] Mas ideias são uma coisa, a execução delas, outra bem diferente [...] Enquanto imprimia a gramática latina, indulgências e panfletos de propaganda, Gutenberg também cultivava outro projeto. Nos contratos com seus sócios, chamou-o, enigmaticamente, de “o trabalho dos livros”. Com esse projeto, esperava aplicar seu

¹³ Bible de Gutenberg : [Bíblia latina]. Ex. sur vélin - Volume 1. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9912811/f13.item.r=Bible%20de%20Gutenberg%20%5BBiblia%20latina%5D> Acesso 01 jul 2023.

método ao livro mais importante de todos os tempos, e aquele com maior participação de mercado: a Bíblia (Puchner, 2019, p. 212, Edição Kindle).

A Bíblia de Gutenberg “foi o primeiro livro impresso moderno” (Guerreiro, 2018, p.153), um enunciado sincrético apresenta outras designações que advêm do número de linhas impressas em uma página, como a Bíblia de 42 linhas (1455) e a edição posterior conhecida por Bíblia de 36 linhas (1456). A impressão da obra literária revolucionou os sentidos de um contexto social, uma materialidade que movimenta um sistema simbólico, a língua em latim, em um conjunto significativo, cujo discurso de divulgação religiosa emerge efeitos de verdade em uma narrativa de persuasão – a narrativa do discurso religioso católico ou judaico-cristão (fazendo lume ao termo mais recente sobre a literatura bíblica).

Conforme Silva (2020, p. 138) afirma, o fazer-saber persuasivo ou comunicativo do discurso de divulgação religiosa advém do “‘saber das coisas de Deus’, dado como objeto desejável e possível, e tem como preocupação encadear injunções e ensinamentos, direta ou indiretamente”, dessa forma, temos o *pathos* na eficácia do discurso construído pela presença das paixões atribuídas discursivamente que são cruciais para a compreensão do conjunto de opções enunciativas apelando às suas emoções e paixões para gerar adesão ou determinada reação ao discurso. Pode-se pressupor os sentidos que emergiram do contato dos sujeitos-fiéis ao adquirir a icônica obra de Gutenberg em pergaminho ou papel, em tempos quando somente os sujeitos-detentores de poder, o Clero Católico, poderiam possuir um exemplar por outras formas de registro.

Nesta interação discursiva depreende-se que a narrativa de divulgação do discurso religioso católico sofre uma ruptura, uma fragmentação que transforma a evolução rítmica da narrativa religiosa, como pode-se constatar em carta endereçada ao Cardeal Carvajal, escrita por Enea Silvio Piccolomini, o Papa Pio II, no ano de 1455, referindo-se à obra impressa e ao seu autor (Cotta-Schönberg, 2024, p. 23):

Quanto ao homem extraordinário que visitei em Frankfurt [em conexão com a cidade de Frankfurt no outono de 1454], não era falso o que me foi escrito. Não vi Bíblias completas, mas apenas quinternions¹⁴ de diferentes livros. As letras eram claras e corretas, sem nenhuma falha, o que Vossa Graça pôde ler facilmente e sem óculos. De algumas testemunhas, ouvi dizer que 158 volumes já foram concluídos, mas outros disseram que foram 180. Não tenho certeza do número [...] Se possível, tentarei trazer uma Bíblia para venda aqui e comprá-la para o seu bem, mas temo que não seja possível tanto por causa da longa distância quanto porque dizem que os compradores ficam prontos antes que os volumes sejam concluídos.

De acordo com os historiadores, a decisão pela impressão da escolha desta obra tinha um motivo especial e manipulador: alcançar o maior número destinatários,

¹⁴ Segundo Oxford English Dictionary, esse termo, *quinternion* é um empréstimo do latim (*Étimos: latim quinternio*), tem como acepção “um conjunto ou reunião de cinco folhas de papel”. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=quinternions> Acesso em 14 out2025.

ou seja, o maior número de compradores que se mostravam em potencial (BBCNEWS Brasil, 2019, on-line)¹⁵. Observa-se que o sujeito-manipulador é sancionado, pelo saber e o poder-fazer, comunicando uma mensagem de forma massiva e lucrativa, possuindo para isso uma competência pressuposta que se apoia na impressão de um texto reconhecido pela sociedade medieval, o texto bíblico, um objeto de valor para os cristãos católicos, que encontra-se em conjunção com as narrativas de valor eufórico:

Gutenberg não foi a primeira pessoa que pensou em usar letras móveis e combiná-las para compor páginas que poderiam ser impressas; antes de qualquer coisa, um inventor e empreendedor tão visionário quanto os grandes nomes da atualidade. Ele não foi o criador da impressão, mas foi o primeiro a sofisticar o processo de uma forma minimamente exequível e comerciável [...] ideias são uma coisa, a execução delas, outra bem diferente [...] Gutenberg foi o primeiro a ver a vantagem de aumentar a escala da produção (Puchner, 2019, Edição Kindle).

Estima-se que a invenção de Gutenberg não só revolucionou a forma de ler, pois “graças à prensa de Gutenberg que a produção de livros decolou pelo mundo” (Museuweg, 2022, on-line), fazendo com que também o acesso direto aos textos bíblicos e antigos que repercutissem na forma de pensar, facilitando a disseminação das práticas de outros movimentos religiosos e sociais que se utilizaram da impressão de tipos móveis (Histoire pour tous, 2022, on-line)¹⁶. Percebe-se que o objeto de valor de comando do Clero e de sacerdotes sofre rupturas em seu percurso alterando os sentidos de domínio, produção e divulgação, tanto da obra bíblica como das demais que estavam sob tutela e conservação dos monopólios.

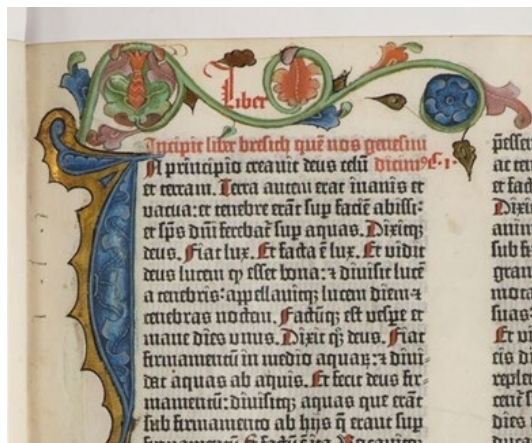
A HOMOLOGAÇÃO SEMISSIMBÓLICA

Os sentidos que emergem da homologação entre plano de conteúdo e plano de expressão, segundo os postulados da semiótica, podem ser traduzidos a partir das abordagens do semissimbolismo. Oliveira afirma na Revista Cruzeiro Semiótico no artigo A pintura e o semioticista em ação (1992), “que a descrição do plano de expressão de uma configuração repousa sobre a organização sintática”, resultando um estudo do enunciado quanto da enunciação (Oliveira, 1992, p. 117).

¹⁵ *Bíblia’ de Gutenberg: 4 fatos surpreendentes sobre o livro que mudou a história. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50887912> Acesso em: 29 jun 2023.*

¹⁶ *Disponível em: <https://www.histoire-pour-tous.fr/inventions/307-invention-de-imprimerie.html> Acesso em 29 jun2023.*

Figura 2 - Extrato da Bíblia de Gutenberg [Bíblia latina] – Início de Gênesis



Fonte : Gallica¹⁷

Dessa forma, analisando os elementos formantes¹⁸ (Floch, 1985, p. 47) semissimbólicos distribuídos na escolha da materialidade para esta análise (Figura 2), percebe-se a homologação entre o discurso religioso e elementos intertextuais, melhor dizendo, entre a temática do discurso bíblico e a estética medieval, inscrita nos “enfeites pictóricos conhecidos por iluminuras [...] formato grande, com letras estranhas, floreios complexos e linhas vermelhas para ênfase” (Puchner, 2019, p. 215). Segundo Coilly (2017, on-line) afirma em um artigo para a Biblioteca digital BNF Gallica:

As partes do texto que aparecem em cores, em vermelho, em azul (títulos corridos, abertura e fechamento dos livros bíblicos, iniciais, capítulos em algarismos romanos), foram rubricadas, ou seja, transportadas à mão após o trabalho de impressão final. Os elementos adicionados, peritexto e ornamentos, tornam cada cópia da Bíblia de Gutenberg uma obra única¹⁹.

As cores utilizadas na Idade Média sinalizavam, classificavam e

¹⁷ Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9912811/f13.item.r> Acesso em 23jun2023.

¹⁸ Segundo Floch (1985, p. 47) elucida a respeito dos formantes, “na esteira de A. J. Greimas e J. Courtés, entenderemos por “formante” uma parte da cadeia da expressão correspondente a uma unidade do plano do conteúdo. Trata-se aqui de um formante “figurativo”, ou seja, de um formante constituído por um dispositivo de expressão ao qual a “grade de leitura do mundo natural” conjuga um significado, e que é assim transformado em signo-objeto [...] existem também formantes “plásticos” que, esses sim, servem de “pretextos” para investimentos de significação outros, mais abstratos e geralmente de natureza axiológica”.

¹⁹ Original: Les parties du texte apparaissant en couleur, en rouge, en bleu (titres courants, ouverture et clôture des livres bibliques, letrines, chapitration en chiffres romains), ont été rubriquées, c’est-à-dire portées à la main après la fin du travail d’impression. Les éléments ajoutés, peritexte et ornements, font de chaque exemplaire de la Bible de Gutenberg une œuvre unique.

hierarquizavam as categorias sociais. Nesta época, as cores chamadas verdadeiras eram consideradas luminosas, saturadas e sólidas, pois produziam brilho e eram resistentes, e estavam presentes em igrejas, palácios reais, tribunais e também no vestuário. As cores vivas obtidas com corantes de qualidade eram utilizadas somente pelos ricos, enquanto os pobres tinham acesso às “cores desbotadas, acinzentadas por causa de corantes vegetais mais baratos [...] É nessa diferença que se encontra a maior lacuna cromática da Idade Média.”²⁰ (Lagier, [s. d], tradução nossa)²¹.

Remetendo a ideia dos conceitos de semissimbolismo, Pietroforte (2017, p. 9) destaca:

Se em uma pintura, por exemplo, as cores quentes são relacionadas a conteúdos do sagrado, e as cores frias, do profano, em seu texto há uma projeção no eixo sintagmático da relação entre os paradigmas que formam a categoria de expressão cor quente vs. cor fria e a categoria de conteúdo sagrado vs. profano.

A composição estética figurativizada nas escolhas feitas pelo destinador na disposição dos caracteres manualmente organizados: as cores das bordas e moldura da folha em tons vermelho e azul (Coilly, 2017, on-line), imprimindo uma ideia nas categorias sagrado vs profano; o tipo de letra que “imita a caligrafia gótica usada na Alemanha do Século XIII ao XV para missas e livros litúrgicos” (Diemert, 2023, on-line)²², qualificando a técnica gráfica, não manual, e que está em oposição à técnica pictográfica manifestada na pintura ornamental feita à mão nos cabeçalhos e na primeira letra de cada capítulo, fazendo depreender a intencionalidade do enunciador, que não visava somente produzir um texto em larga escala, mas criar “um novo padrão pelo qual os livros seriam julgados” (Puchner, 2019, p. 215). A impressão não era apenas uma maneira de produzir livros em massa: ela mudou por completo a aparência que os livros deveriam ter”. Gutenberg adotou para impressão, a Vulgata, tradução latina de São Jerônimo, a Bíblia do Cristianismo europeu:

O desafio não era apenas a escala. Com a Bíblia, Gutenberg tocava no texto mais reverenciado e sagrado de todos. Teria de demonstrar que suas máquinas podiam produzir um livro tão nítido, preciso, correto e elegante como aqueles elaborados pelos escribas mais bem treinados, que costumavam ser monges que haviam dedicado a vida a esse propósito (Puchner, 2019, p. 213).

Dessa forma, pode-se apreender nas categorias plásticas presentes na primeira página do texto Genesis na obra de Gutenberg (Figura 1), que a impressão das páginas segue a mesma disposição, sendo a categoria topológica realizada

20 Original: [...] des couleurs délavées, grisées à cause des teintures végétales de moindre prix [...] C'est dans cette différence que se trouve le plus grand écart chromatique au Moyen Age.

21 Les couleurs au Moyen-Age. Disponível em : <https://guerriersma.com/couleur-moyen-age.html> Acesso em: 01 jun 2023.

22 Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/de-lecriture-a-limprimerie-la-bible-a-42-lignes> Acesso em 12set 2025.

esquerda vs. direita, por estar dividida em duas colunas e a categoria eidética composta por horizontal, definindo a disposição do texto bíblico em linhas (leitura linear), e vertical predominando no plano da expressão, as colunas do texto bíblico e a pictografia. A categoria cromática se define pela categoria monocromático por conter uma tipografia gótica (fonte *textualis*) em preto e o fundo da página de pergaminho²³ de um amarelo pálido; os elementos característicos do colorido medieval presentes nas “molduras de folhas de acanto [...] reproduzem modelos estilísticos então em circulação na região de Mainz”²⁴ (terra natal de Gutenberg) (Coilly, 2017, online), dando ênfase a categoria policromática. A decoração pictográfica remete às influências da obra Göttinger Musterbuch²⁵ (O livro de amostras de Gottingen), destinada aos iluminadores, artesãos que decoravam manuscritos.

A leitura apreendida no revestimento figurativo da página impressa remete à recorrência de elementos que revelam a temática do discurso fundador, cujo percurso é alterado pelo discurso religioso de divulgação por um saber-fazer que visa “operacionalizar a dimensão cognitiva [...] um programa de ação por meio da execução de um fazer persuasivo, ou seja, da proposição de um dever-fazer ao destinatário” (Silva, 2020, p. 139), que se concretiza pela impressão da obra, mecanicamente, rompendo paradigmas de divulgação, produzindo novos sentidos para a narrativa do discurso religioso católico.

Encontra-se no eixo semântico da narrativa da Bíblia de Gutenberg, o viés do consumo. Os sujeitos-destinatários atraídos pela temática do discurso fundador aproximam-se da lógica da valorização utópica inscrita no polo do sagrado/transcendente ou do existencial, e da valorização prática, advinda dos sentidos sistematizados pelo discurso religioso de divulgação instituídos pela inventividade do processo de mecanicidade e difusão da obra. E em oposição a continuidade da perspectiva narrativa de monopólio cultural, vê-se expansão do conhecimento, qualificando, neste percurso, a oposição semântica concentração vs difusão. Posto isso, apresentamos a homologação:

Tabela 1 – Homologação semissimbólica

Plano de Conteúdo	Discurso fundador vs discurso religioso de divulgação Sagrado vs profano Concentração vs difusão Valorização utópica vs valorização prática
Plano de Expressão	Policromático vs monocromático Pictográfico vs gráfico Esquerda vs direita Vertical vs horizontal

Fonte: Elaboração própria

²³ As figuras recorte presente neste artigo referem-se ao exemplar da obra que encontra-se na Biblioteca Nacional da França -BNF Gallica, produzida em pergaminho.

²⁴ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/la-bible-de-gutenberg-est-dans-gallica-acte-1?mode=desktop> Acesso em: 10set2025

²⁵ Disponível em: <http://www.gutenbergdigital.de/musterbuch.html> Acesso em 13set25.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o ferramental teórico dos Estudos de Linguagens pautado na Semiótica Discursiva e seus desdobramentos e nos fundamentos das áreas da comunicação e informação, buscamos contextualizar e descrever sobre os processos de linguagem e significação advindos dos canais de comunicação considerados objetos semióticos ou textos sincréticos, descrevendo breves reflexões sobre a evolução da transmissão da mensagem iniciada desde os primeiros passos da escrita.

Em seguida, fez-se uma breve análise sobre o percurso do sujeito disseminador e sua obra-prima visando, de forma estratégica, sendo sancionado pelas competências que dispõe em torno de um objeto de valor, que presentifica um marco na história da comunicação, das ideias, da comunicação em massa, um objeto de desejo que esteve no domínio de poucos.

A performance do sujeito-destinador visando manipular/disseminar, pela sua inventividade tecnológica, fez com que a narrativa do discurso religioso católico operado em regime de regularidade sofresse uma ruptura no percurso de disseminação do discurso fundador, ajustando a narrativa para fins não somente comerciais, mas facultando reformas e difusão do conhecimento. A invenção de Gutenberg alterou os sentidos das práticas sociais, instituídos na democratização do conhecimento e acesso ao saber, vertendo novas produções de sentido, maneiras de enunciar.

A análise descritiva instituída nesse trabalho pode demonstrar que qualquer objeto é possível de ser analisado pela Semiótica Discursiva, ancorado às questões do contexto em torno do próprio objeto; e a análise semiótica torna-se uma possibilidade na tradução dos sentidos inscritos nos textos, promovendo a leitura dos conjuntos significantes que estruturam o todo de sentido. A obra de Gutenberg é um enunciado acabado, instituído de valor performático ou operacionalizado dentro dos “preceitos de uma determinada formação ideológica, no caso, os valores propugnados pela ideologia religiosa católica” (SILVA, 2020, p. 153).

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

BARROS, Diana L. **Teoria semiótica do texto**. Ed. Parma LTDA, 2005.

_____. **Teoria do discurso. Fundamentos Semióticos**. Ed. Humanitas, 2002

BBCNEWS. **‘Bíblia’ de Gutenberg: 4 fatos surpreendentes sobre o livro que mudou a história**, 2019, on-line. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50887912> Acesso em 01 jul 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL. **A história do Livro: o Códice e o Pergaminho.** Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/historia-livro-codice-pergaminho> Acesso em 17 jun 2023.

CARTWRIGHT, Mark. **As Cartas e Correspondência na Antiguidade.** IN: Word History Encyclopedia, set 2019, on-line. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1442/as-cartas-e-correspondencia-na-antiguidade/> Acesso 39 jun 2023.

COILLY, Nathalie. **A Bíblia de Gutenberg está em Gallica: Ato 1.** In: Gallica, 18 jan 2017, on-line. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/la-bible-de-gutenberg-est-dans-gallica-acte-1?mode=desktop> Acesso em 01 jul 2023.

COTTA-SCHÖNBERG, Michael von. **Collected Letters of Enea Silvio Piccolomini. Edited and translated by Michael von Cotta-Schönberg.** Vol. 8. Disponível em: <https://hal.science/hal-04660768v2/file/Vol.%208%20%201455%20%28581-685%29.pdf> Acesso em: 14 out2025.

DIEMERT, Étienne. **De l'écriture à l'imprimerie : la Bible à 42 lignes.** In : Gallica, 29 jun 2023, on-line. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/de-lecriture-a-limprimerie-la-bible-a-42-lignes> Acesso em: 01 jul 2023.

DISCINI, Norma. **Da presença sensível.** Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 8.n.2, dezembro de 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3330> Acesso em 09set 2025.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites Mythologies De L'Oeil Et De L'Esprit:** Pour Une Semiotique Plastique: 1. Éditions Hadès-Benjamins, Paris-Amsterdam, 1985.

FRANÇA, Vera V.; Simões, Paula G. **Curso básico de Teorias da Comunicação (p. 213).** Autêntica Editora.

GLEICK, James. **The Information:** A History, A Theory, A Flood. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2011.

GREIMAS & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2020.

GRILLO, S. **Marxismo e filosofia da linguagem:** uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do século XX. In: VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

GUERREIRO, Augusto. **História Breve dos Meios de Comunicação:** Da Iminência Pensante à Sociedade em Rede. Lisboa: Ed. EDLARS, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback - Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HISTOIRE POUR TOURS. **Gutenberg e a invenção da imprensa (1454)**. Escrito por: Lucrécia, Fev. 2025, on-line. Disponível em: <https://www.histoire-pour-tous.fr/inventions/307-invention-de-imprimerie.html> Acesso em 01 jul 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Editora Cultrix, 1968.

JUNIOR, José Leite. **A écfrase no discurso de saramago: um percurso da retórica à enunciação**. A enunciação sob a perspectiva da Semiótica Discursiva [livro eletrônico] / Organizadores: José Américo Bezerra Saraiva e Ricardo Lopes Leite. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021.

KRISTEVA, Julia. **A história da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

MEREGE, Ana Lucia. **História do Livro: do Glifo ao Alfabeto**. Biblioteca Nacional, 2020.

MUSEUWEG. **A Prensa de Gutenberg: como essa invenção mudou o mundo?**. Blog com Ciência, 04 dez 2022. Disponível em: <https://museuweg.net/blog/a-prensa-de-gutenberg-como-essa-invencao-mudou-o-mundo/> Acesso em: 01 jul 2023.

OLIVEIRA, Ana Claudia M. **A pintura e o semioticista em ação**. In: Cruzeiro Semiótico. Ed. Associação Portuguesa de Semiótica, julho 1993. Disponível em: cruzeirosemiotico17.pdf Acesso em 04 out 2025.

PIETROFORTE, Antônio V. **Semiótica Visual**. São Paulo: Contexto, 2017.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita: Como a literatura transformou a civilização** (Portuguese Edition). Companhia das Letras, 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes**. 1755. Disponível em : https://www.e-rara.ch/gep_r/content/pageview/2247340 Acesso em 01 jun 2023.

SILVA, Sueli Maria R. **Discurso religioso: semiótica e retórica** [recurso eletrônico] / Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

SUCH-GUTIÉRREZ, Marcos. **A invenção da escrita cuneiforme pelos sumérios**. In: National Geographic Portugal. Jun 2023. Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3457-a-invencao-da-escrita-cuneiforme-pelos-sumerios> Acesso em 03 jun 2023.